

Viagem de uma estreia com poesia

A noite ainda não vai alta, nem se vê o negro do céu, porque ali, dizem, o espectáculo começa rigorosamente à hora marcada, sem apelo nem agravo. Nos corredores laterais, os únicos da sala grande, meninos, vestidos como iniciados numa capela qualquer, tipo capela-de-todos-os-actores-de-todas-as-noites, vigiam qualquer faísca ou relâmpago que se acenda, em especial se o fizerem num gesto de apoio ou de cumplicidade.

?De manhã tremendo que me achasses feia, acordei com medo deitada na areia?. Assim voo sobre o mar, com as asas que me deste. "É assim que eu sou", dizes-me a cantar. ?Olhar para ti e ver o que eu vejo, // olhar-te nos olhos com olhares de desejo. // (...) esta vida são dois dias, // e um é para acordar, // das histórias de encantar?. Grande Pedro. A poesia sobe de tom.

Lês uns poemas. Pequenos. Um é do Alberto Pimenta, aquele que escreveu o ?Discurso do Filho da Puta?, mais tarde recuperado por Gabo nas ?Memórias das Minhas Putas Tristes?. Um milhão de exemplares logo na primeira edição, em castelhano, por sorte editada antes da eleição de Ratzinger. Ainda com todos os momentos da tua noite de silêncio na Casa da Música releio Ungaretti: **Mattina** M'illumino d'immenso.

Os poemas não se medem às sílabas. Repito: os poemas não se medem às sílabas, com todo o respeito pela métrica e pela Sociedade do Porto 2001. Também eu me deslumbro de imenso nesta Casa da Música, onde há um órgão enorme que ainda é a fingir. Levado nas asas com que voo sobre o mar, na minha noite de estreia da Casa da Música, ao luar do Porto no dia 20 de Abril de 2005.

Com a Sinfonietta, ou lá como é que ela se chama, sem ofensa, a dar um ar clássico ao silêncio e às palavras. Muito obrigado pelo momento.